

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT07.015

PARA (RE)LER OS CONTOS DE FADAS: CRÍTICA FEMINISTA E LITERATURA INFANTIL E JUVENIL DE AUTORIA FEMININA

IASMIN DA SILVA BRITTO

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens (PPGCEL) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, iasminbrittoprof@gmail.com;

ADRIANA MARIA DE ABREU BARBOSA

Pós-doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, professora titular da Cadeira de Teoria da Literatura no Departamento de Ciências Humanas e Letras (DCHL) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, amabarbosa@uesb.edu.br.

RESUMO

Este trabalho insere-se em uma linha de pesquisa da Crítica Feminista que tem buscado revisitar os contos de fadas tradicionais a fim de que sejam feitas análises críticas dos padrões de construção das personagens femininas dessas histórias a partir da compreensão de que é latente a necessidade de reescrita, uma vez que esses padrões perpetuam arquétipos patriarcais acerca do ser mulher. Para tanto, optamos pela escolha de um *corpus* teórico escrito por mulheres visando que as problemáticas sobre a construção das personagens femininas e a noção de mulher sejam ancoradas em pressupostos cunhados por autoras que se baseiam na Crítica Feminista, como Scott (1986), Beauvoir (2016) e Xavier (1998). Debruçamo-nos, portanto, não só em obras da teoria crítica feminista que nos explicam quais são esses arquétipos patriarcais presentes nos contos de fadas tradicionais e como eles se estruturam, como também na produção de Maria Cristina Martins (2015) acerca dos revisionismos feministas e como se apresentam os novos contos de fadas. Além disso, para embasar teoricamente a discussão a respeito do papel da literatura, utilizamos os estudos de Zilberman (1985) e Coelho (2012) com o propósito de tornar clara a influência que padrões patriarcais perpetuados nas histórias tradicionais têm para a construção da consciência de mundo de crianças e adolescentes que consomem a literatura infantil e juvenil.

Palavras-chave: Crítica Feminista, Revisionismos, Literatura Infantil e Juvenil.

INTRODUÇÃO

O Feminismo enquanto movimento político conquistou inúmeros direitos, considerando os anseios das mulheres e suas lutas específicas em cada época. Justamente por conta disso, devemos considerar o feminismo como “feminismos”, no plural, tendo em vista que o movimento assume diferentes formas a depender do discurso que defende e, sobretudo, das mulheres pelas quais pretende lutar. Nos idos de 1950, por exemplo, as discussões suscitadas por grande parte das participantes do Movimento Feminista giravam em torno de questões que não alcançavam todas as mulheres, como a luta pelo direito ao trabalho fora de casa que, para as mulheres brancas e de classe média, significava um direito crucial para o estabelecimento da igualdade social, ao passo que para as mulheres negras e periféricas o trabalho sempre foi uma questão de sobrevivência, tendo sido, inclusive, uma obrigação, à época da escravidão.

Este ponto de reflexão acerca do feminismo é importante e determinante para a discussão que será construída neste trabalho, a fim de que compreendamos os vários debates presentes neste movimento que tanto tem alcançado as mulheres durante décadas, assumindo diversas facetas para contextualizar e embasar as discussões em voga em cada período histórico para cada nova mulher que surge. Por considerar a multiplicidade de mulheres que precisam ser alcançadas pelas conquistas feministas, o Movimento ramifica algumas reivindicações, específicas para cada mulher, a partir da reivindicação central: igualdade de direito para as mulheres e uma vida digna. Ademais, para além das lutas feministas no campo prático da política, da militância e do movimento social em prol de direitos para as mulheres, o feminismo também entra na seara das discussões teórico-críticas, as quais pretendem perscrutar, dentro da Academia, sobretudo, teorias críticas e métodos analíticos que considerem as questões das mulheres e as suas vivências como pontos cruciais para uma leitura crítica do mundo e, portanto, para a mudança social. A este movimento teórico-crítico de bases feministas, nomeamos Crítica Feminista.

Dentre os objetos de análise da Crítica Feminista, temos a literatura. Relacionada às produções literárias, a teoria crítica feminista discute, principalmente, de que maneiras a literatura enquanto produto consumido pelos indivíduos interfere nas considerações sociais acerca do ser mulher, isto é, que tipos de opiniões sobre as mulheres tem sido disseminados no contexto literário e de quais formas essa disseminação influencia a sociedade. Para as obras literárias canônicas

cujas construções das figuras femininas são ancoradas em pressupostos patriarcais e preconceituosos, reforçando, por exemplo, estereótipos de gêneros – como é o caso dos contos de fadas tradicionais – a crítica feminista propõe um revisionismo feminista, ou seja, uma releitura dessas obras, com a estruturação de um novo enredo que faça referência à produção tradicional, mas com modificações fundamentais para que possam ser visualizadas as críticas às imposições patriarcais sobre a mulher, bem como a fim de que a figura feminina seja valorizada em suas muitas versões.

O objetivo deste trabalho, portanto, é discorrer acerca da crítica feminista e das discussões propostas por ela para o âmbito literário, bem como evidenciar o que é o revisionismo feminista, como ele pode ser feito nas produções literárias e como esse revisionismo nos permite ler os contos de fadas tradicionais sob uma nova lente: teórica, crítica e com embasamento para questionarmos todas as noções patriarcais que tem sido disseminadas e reforçadas pelas produções canônicas e tradicionais. Em suma, pretendemos destacar a importância da crítica feminista e dos revisionismos para as produções literárias.

METODOLOGIA

Como metodologia para este trabalho, optamos pela revisão bibliográfica, que nos permite visualizar um panorama geral das produções científicas e pesquisas relacionadas ao assunto proposto de modo que obtemos mais conteúdo teórico. Além disso, a utilização desse tipo de metodologia é crucial para esta pesquisa porque nos permitirá conceituar determinadas noções caras à discussão que estamos propondo a partir de produções teóricas pertinentes.

Para tanto, discorreremos acerca da crítica feminista e dos conceitos fundamentais que ela cunhou para a discussão da literatura sob as lentes feministas, bem como a respeito da função da literatura infantil e juvenil e dos pressupostos patriarcais sobre a mulher que estão incutidos nos contos de fadas tradicionais canonizados. Para realizarmos tudo isso, a crítica feminista e as suas conceituações são essenciais, uma vez que ela permite que nos desloquemos do ponto de vista canonizado (tradicional) para olharmos e analisarmos as produções literárias (e artísticas, de modo geral) sob uma nova lente: a perspectiva feminista.

REFERENCIAL TEÓRICO

A teoria feminista se desenvolve de maneira relacionada com o feminismo enquanto movimento social e político. No concerne às definições de cada um, a teoria feminista define-se como uma perspectiva centrada na produção de conhecimento teórico e científico sobre os assuntos que atravessem as mulheres e sua condição na sociedade, ao passo que o feminismo enquanto movimento centra-se na prática feminista. Embora haja essa diferenciação nos conceitos – importante para que compreendamos a crítica feminista e suas funções –, teoria e prática feministas andam juntas, tendo em vista que ambas objetivam o mesmo fim: a valorização da mulher enquanto sujeito social e a superação dos preceitos patriarcais institucionalizados na sociedade.

Para Elódia Xavier (1998), o feminismo, considerando o gênero em suas análises, permite que novas leituras de mundo sejam feitas, diversa da leitura padronizada pelo olhar patriarcal. A ótica feminista, neste caso, torna possível a visualização e a compreensão das muitas “roupagens patriarcais” presentes na construção das sociedades, o que não é possível ocorrer quando nossas visões estão “anestesiadas” pela cultura patriarcal.

Nesta mesma perspectiva de instauração de novas possibilidades de visões de mundo, Joan Scott (1995), ao discorrer sobre as análises baseadas no gênero, reitera que essa metodologia nos permite enxergar de que modos os papéis e os simbolismos sexuais se articulam nas várias esferas sociais. Nessa lógica, as pesquisas ancoradas na teoria feminista, que têm o gênero enquanto uma categoria analítica, buscam evidenciar como as configurações de gênero foram estruturadas historicamente e de que maneiras elas agem na sociedade. Reafirmando a importância desse tipo de pesquisa feminista, Adriana Maria de Abreu Barbosa (2020) afirma que

uma leitura feminista é de grane importância para as relações de gênero no contexto do patriarcalismo e do machismo pungentemente marcados nas esferas sociais (BARBOSA, 2020, p. 34).

Para Maria Cristina Martins (2015), as pesquisadoras contemporâneas têm se interessado, particularmente, pelos estudos feministas dos contos de fadas tradicionais. Segundo a autora, o interesse das estudiosas feministas se pauta em confrontar as “noções distorcidas ou tendenciosas de gêneros sexuais” que estão

presentes nos contos de fadas tradicionais. Esse confronto, por sua vez, ocorre por meio da releitura dessas histórias consagradas pela tradição “a partir de perspectivas até então inusitadas” (MARTINS, 2015). Tais “perspectivas até então inusitadas” são justamente aquelas que consideram o gênero enquanto uma categoria útil de análise, assim como expôs Scott (1995), uma vez que essas releituras abrem portas para o surgimento de novas interpretações das histórias tradicionais, mudando a lupa analítica tradicional para uma que contesta os estereótipos de gênero que são reforçados pelos contos de fadas tradicionais, bem como subverte a conceituação patriarcal de identidade feminina.

Em uma perspectiva crítica feminista, “o termo revisão é tomado em seu sentido de uma nova leitura de textos consagrados que promove alterações, em função de se ter repensado, reconsiderado ou reavaliado os mesmos” (MARTINS, 2015, p. 38-39). Nesse sentido, o revisionismo feminista busca reler os contos de fadas tradicionais para “desmantelar convenções literárias de forma a permitir que essas histórias possam ser reavaliadas a partir de uma nova direção crítica” (MARTINS, 2015, p. 38), isto é, a partir dos vieses analíticos da crítica feminista.

Ao reler os contos de fadas,

Os textos revisionistas transgridem e subvertem as narrativas tradicionais e contestam significados cristalizados nas histórias de tal modo que, embora o reconhecimento das fontes seja não somente possível, como também desejável, cria-se um distanciamento crítico em relação aos textos originais, expondo, entre outras coisas, o caráter sexista e misógino de muitas dessas histórias (MARTINS, 2015, p. 40).

Para compreendermos realmente como o caráter sexista e misógino e os estereótipos de gênero agem nos enredos dos contos de fadas tradicionais, é preciso que antes visualizemos o contexto de surgimento e institucionalização dessas histórias como produções canônicas e mundialmente conhecidas. Por terem surgido na tradição oral, há grandes dificuldade em traçar uma “genealogia dos contos de fadas desde os seus primórdios” (MARTINS, 2015, p. 20). A princípio, essas histórias eram criadas e repassadas por meio da tradição oral e destinadas ao público adulto, nada tendo a ver com o mundo infantil, tendo em vista que os enredos possuíam violência, conotação erótica e sexual.

Nessa lógica, as relações entre contos de fadas e literatura, especificamente literatura infantil e juvenil, só começaram a ser estabelecidas com as compilações dessas histórias, que foram realizadas por autores como Chales Perrault e

os irmãos Grimm. Considerando que os contos de fadas são originados da tradição oral, quando ocorrem as compilações dessas histórias para a escrita, inúmeras transformações são feitas nos enredos, pois adaptações precisaram ser feitas para que as histórias coubessem nesse formato de literatura e, sobretudo, a fim de que as produções estivessem de acordo com os interesses da sociedade da época

No caso de Perrault, as histórias foram adaptadas para que servissem de instrumento de transmissão de valores e atitudes caros à burguesia francesa. Nesse sentido, os contos de fadas perderam as características eróticas e satíricas para comportarem lições de morais e “expectativas de comportamentos masculinos e femininos, definidos dentro de moldes nitidamente patriarcais” (MARTINS, 2015, p. 22). Por sua vez, os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, em suas versões dos contos de fadas, também retiraram das histórias todos os caracteres sexuais e eróticos, pois não eram características que agradavam à comunidade alemã. No lugar de tais características, os irmãos Grimm embebeceram as histórias com expressões e referências cristãs, moldando os contos de fadas de acordo com os seus posicionamentos, tendo em vista que eram muito religiosos.

Nesse sentido, embora as versões de Perrault e dos irmãos Grimm sejam diferentes, compiladas em épocas e locais diversos, não há nenhum tipo de mudança fundamental relacionada às estruturas patriarcais dos enredos. Ambas as versões modificaram as características originais dos contos de fadas, provenientes da tradição oral, e mantiveram nos textos, cada uma ao seu modo, a ideologia patriarcal, segundo os próprios interesses e visões de mundo dos autores.

Parece-nos conveniente, portanto, que, se as versões dos contos de fadas infantis, na literatura escrita, foram estruturadas por escritores homens que almejavam seguir seus próprios interesses e aspirações, então, esses enredos foram utilizados como meio de transmissão de valores e, sobretudo, de manutenção da ordem patriarcal vigente. Para realizar essa disseminação ideológica de bases patriarcais, os autores embutiram em suas personagens características físicas e comportamentais que sugerem a naturalização de estereótipos sexuais que não só foram divulgadas amplamente, como também foram cristalizadas no imaginário social.

Nelly Novaes Coelho (2012) observa, em seu estudo sobre os mitos, símbolos e arquétipos presentes nos contos de fadas, que o dinamarquês Hans Christian Andersen, em suas versões das histórias clássicas, entre 1835 e 1877, pontuou sobre a necessidade de luta de classe – na obra “A Pastora e o Limpador de Chaminés”,

por exemplo –, mas não houve nenhum tipo de criticidade relacionada ao gênero. Ao contrário, os contos de Andersen têm como característica comuns

A valorização da obediência, da pureza, da modéstia, da paciência, do recato, da submissão, da religiosidade como virtudes básicas da mulher (patente em todos os contos, confirmando o ideal feminino consagrado pela tradição: pura/impura, bruxa/fada; mãe/madrasta...) (COELHO, 2012, p. 32)

Nesse sentido, podemos perceber que as compilações dos contos de fadas tradicionais, de Perrault a Andersen, na Modernidade, foram construídas visando, unicamente, aos interesses dos próprios autores. Considerando que são autores homens – e por isso os contos de fadas são hoje considerados como obras canônicas –, todos os estereótipos sexuais e de gênero presentes em suas obras agem para a manutenção da ordem patriarcal da qual participam e se beneficiam historicamente. Assim, os enredos e as personagens são construídas segundo a visão patriarcal, o que não dá voz às mulheres e estabelece para elas padrões de ser e estar no mundo inconcebíveis.

Os contos de fadas, portanto, apesar de serem histórias canônicas e conhecidas por pessoas em todo o mundo, têm passado por um momento de análise minuciosa relacionada aos ideais que perpetua, graças, sobretudo, à crítica feminista. Assim,

apesar de essas histórias, em suas diferentes manifestações, serem muitas vezes celebradas como repositório de sabedoria feminina, elas também têm sido criticadas como inerentemente sexistas, sobretudo por disseminarem estereótipos sexuais. Por meio dos contos de fadas, um grande número de pessoas pode ter entrado em contato com certos padrões de comportamento que carregam um significado social profundo (MARTINS, 2015, p. 30).

Como exemplos claros desses estereótipos sexuais e de gênero, podemos citar que os papéis de cada personagem (masculino e feminino) são extremamente marcados nos enredos, de modo que a personagem feminina não possui espaço para ocupar lugares ou desempenhar características que são unicamente destinados aos personagens masculinos. Nos contos de fadas tradicionais, aos personagens masculinos são destinadas características como esperteza, coragem, curiosidade, capacidade de resolução de problemas com criatividade, entre outros;

ao passo que às personagens femininas são deliberados atributos de passividade, incompletude e medo. Quando a personagem feminina tem traços que se assemelham aos dos personagens masculinos, como a capacidade de resolução de problemas, uma personalidade ativa e dinâmica, naturalmente, ela é descrita como vilã: bruxas, madrastas ou feiticeiras.

A vilania, que nos contos de fadas tradicionais é uma característica pertencente em sua grande parte à mulher, embute o discurso de que, se a mulher não possui o perfil de passividade que lhe foi destinado, então ela é uma pessoa má. Assim, as vilãs

Atuam, reagem, assumem papéis ativos nas histórias, aos quais é atribuído um valor extremamente negativo, o que revela bem o caráter misógino desse discurso que tende a apresentar criatividade, ação e poder como traços indesejáveis nas mulheres. Assim concebidas, heroínas e vilãs parecem representar respectivamente a própria personificação do bem e do mal, numa batalha violenta, que desemboca no tradicional final feliz, no qual se presume a destruição ou superação completa dos elementos antagônicos, negativos (MARTINS, 2015, p. 31-32).

Com isso, os contos de fadas passam a mensagem de que, caso a mulher não possua as características instituídas a elas, ser considerada como a vilã é a única alternativa. Além disso, essa vilania e toda a curiosidade presente nela são violentamente reprimidas. A curiosidade feminina, nessas histórias, não possui espaço para existir, devendo ser castigada; apenas aos homens essa característica ativa é permitida.

Ruth Silviano Brandão, ao estudar sobre “A mulher escrita”, isto é, como a mulher é escrita e representada na literatura, esclarece-nos que

A personagem feminina, construída e produzida no registro do masculino, não coincide com a mulher. Não é sua réplica fiel, como muitas vezes crê o leitor ingênuo. É, antes, produto de um sonho alheio e aí ela circula nesse espaço privilegiado que a ficção torna possível (BRANDÃO, 2004, p. 11)

As ideias de Brandão corroboram com o que objetiva a crítica feminista, a qual evidencia que deve haver uma revisão das histórias tradicionais, possibilitando uma nova leitura a partir da construção de personagens com características diferentes e que subvertem tudo o que a tradição patriarcal cunhou para a mulher como

um padrão a ser seguido para que seja considerada realmente mulher. Ainda sobre a construção das mulheres na literatura produzida por autores homens, a autora pontua que

a figura feminina é fina voz retirada de um registro masculino e se constrói de forma similar à do ventríloquo e seu boneco: confusão de vozes, perversa construção enganosa, como fantasma consciente ou inconsciente, nos tortuosos caminhos do desejo que se mimetizam ou reduplicam nas linhas do texto (BRANDÃO, 2004, p. 16).

Com esses esclarecimentos, percebemos a clara importância dos revisionismos feministas para a construção de uma sociedade equânime, que considere a mulher em suas muitas particularidades e não delimite a ela, por meio das personagens femininas, estereótipos de gênero a fim de que a ordem social patriarcal seja mantida e continue sendo cristalizada por meio de uma literatura tradicional e canônica. Assim, os métodos de análises e de criticidade que a teoria feminista dispõe para nós são pertinentes e eficazes na construção de uma literatura que permita a ascensão de uma visão de mundo diferente daquela produzida por homens.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com as discussões sobre os discursos por trás da construção das personagens femininas nos contos de fadas tradicionais, a crítica feminista possibilitou que um novo tipo de histórias fosse construído. A partir do revisionismo desses enredos tradicionais, as feministas começaram a produzir obras que são consideradas “contos de fadas contemporâneos”, agora com personagens femininas que se deslocam do ideal patriarcal, possuindo, portanto, características que denotam esperteza, autenticidade, inteligência e que, de fato, são heroínas de suas histórias.

Para justificar essa necessidade, podemos dispor das palavras de Simone de Beauvoir (2016) de que a mulher não nasce mulher, mas torna-se. Nessa lógica, o sujeito mulher é construído socialmente e a literatura interfere neste processo, assim como toda produção artística ou ação no mundo, uma vez que a escrita também possui discursos a serem disseminados a fim de que uma ordem social seja reforçada ou superada. No caso dos objetivos da crítica feminista, por meio dos revisionismos dos contos de fadas, pretende-se tornar possível que uma mulher se torne tudo o que ela imagine ser, sem seguir os padrões estabelecidos pela ordem patriarcal.

Esse movimento revisionista já está ocorrendo com bastante eficácia. Ana Maria Machado, por exemplo, na obra "A Princesa que Escolhia", conta a história de uma princesa muito boazinha, obediente e amável, que fazia tudo o que lhe era solicitado mas que, em um dia, decidiu impor-se e falar "não" ao seu pai, o rei. Nesta história, Machado (2002) subverte completamente o atributo patriarcal dos contos de fadas tradicionais que institui às princesas a passividade e a falta de coragem para enfrentar ordens superiores, sobretudo as do seu próprio pai, personificação do poderio patriarcal sobre as mulheres. Nesta narrativa, a autora não só mostra às meninas que é possível ser assertiva e dizer não para o que não concorda, como também que é preciso ter coragem para enfrentar as consequências com dignidade e, sobretudo, buscar o conhecimento sobre as coisas do mundo. Em uma só história, Machado passeia por vários padrões comportamentais pré-estabelecidos pelo patriarcado e desconstrói todos eles, afirmando, inclusive, que a princesa pode decidir não se casar.

Esse tipo de novo conto de fadas dissemina um discurso totalmente avesso ao que os contos de fadas tradicionais têm instituído por séculos na sociedade. Com as novas lúpas da crítica feminista, a leitura crítica do mundo tornou-se essencial para construção de meninas e mulheres cientes de suas personalidades e conscientes de que inteligência, espírito de liderança e coragem são atributos totalmente possíveis a elas, sem padronização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa, percebemos a importância que o feminismo tem para a construção de um senso crítico e de uma visão de mundo capazes de enxergar as várias maneiras de ação do patriarcado, mesmo as mais sutis. Os contos de fadas, por serem histórias conhecidas pelos indivíduos desde que são crianças, situadas em um universo mágico e fantasioso, conseguiram, por muito tempo, embutir as noções patriarcais sem que houve crítica sobre os posicionamentos que as personagens ocupam nos enredos e, conseqüentemente, acerca dos discursos que esses posicionamentos reiteram na sociedade.

Com a emergência do Movimento Feminista e do feminismo como crítica da cultura, que produz teoria e pensa sobre todos os âmbitos e produções sociais, tornou-se possível que uma nova maneira de discussão da sociedade fosse estruturada e disseminada. Esses estudos, portanto, permite-nos olhar para produções

literárias e questionar os discursos patriarcais que porventura estejam presentes nelas, o que possibilitará, no futuro, a instituição de uma sociedade que não aceita posicionamentos sexistas sobre as mulheres, tampouco corrobora com os estereótipos de gênero que vem sendo cristalizados desde os contos de fadas tradicionais. Os revisionismos feministas, portanto, lançam luz a uma nova ordem social que emerge e discute o mundo sob uma perspectiva libertadora.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Adriana Maria de Abreu (Ed.). **Para ler Ana Maria Machado: uma perspectiva feminista**. Edições UESB, 2020.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: A experiência vivida**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BRANCO, Lúcia Castello; BRANDÃO, Ruth Silviano. **A mulher escrita**. Lamparina Editora, 2004.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas: Símbolos, mitos, arquétipos aquétipos**. Editora. Paulinas, 2012.

MACHADO, Ana Maria; MASSARANI, Mariana. **A princesa que escolhia**. Editora Objetiva, 2012.

MARTINS, Maria Cristina. **(Re) Escrituras: Gênero e o revisionismo dos contos de fadas**. Paco Editorial, 2015.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & realidade, v. 20, n. 2, 1995.

XAVIER, Elódia. **Declínio do patriarcado: a família no imaginário feminino**. Editora Rosa DOS Tempos, 1998.

ZILBERMAN, Regina. Introduzindo a literatura infanto-juvenil. **Perspectiva**, v. 2, n. 4, p. 98-102, 1985.